

Dívidas ultrapassam rendimento

# Endividamento dos portugueses

**Celebra-se hoje o Dia Mundial da Poupança, data que os portugueses têm cada vez mais dificuldade em comemorar. Os números são reveladores e dão que pensar: o endividamento das famílias passou de 40 por cento do rendimento disponível em 1995 para 117 por cento no ano passado**

DORA SANTANA

Em dez anos, o nível de endividamento dos portugueses teve um crescimento acentuado. Em 1995, a percentagem de endividamento das famílias era de 40. Dez anos depois, o número cresceu drasticamente para 117 por cento. Um número que, numa leitura simplista, pode ser preocupante, mas que para Catarina Frade, coordenadora executiva do Observatório do Endividamento da Universidade de Coimbra, apenas ganha contornos graves quando as famílias se

vêm impossibilitadas de dar cumprimento a créditos contraídos, gerando situações de sobreendividamento.

Para a investigadora, se os compromissos de crédito forem contraídos «em situação de sustentabilidade financeira (estabilidade laboral, taxa de esforço controlada), permitem aceder mais cedo a bens (como habitação, automóvel ou computador), que de outro modo levariam muito tempo a alcançar». Bens, como habitação ou automóvel, que para esta especialista chegam a ser considerados um «investimento». Segundo o Banco de Portugal, no ano de 1999, 95% dos consumidores portugueses pagavam os seus créditos.

Ainda assim, «o nível de endividamento dos portugueses é elevado». E é a concentração do crédito para a habitação, de 80% do endividamento - os restantes 20% dizem respeito ao con-

sumo, sendo que mais de metade é para a aquisição de automóvel - que faz elevar as percentagens. Um número que até já levou a União Europeia a emitir alguns alertas ao nosso país, apesar de Catarina Frade defender que «o nosso endividamento seja de menor risco que em outros países».

Para a investigadora, o perigo surge quando o endividamento vai mais além do que a taxa de esforço (o peso que o pagamento dos créditos tem no rendimento mensal) recomendada, que é de um terço do rendimento disponível. É aqui que se entra numa situação de sobreendividamento. Mas, não será, porém, apenas o desres-

peito pelas taxas de esforço que causa o sobreendividamento.

Esta situação é originada «pela incapacidade prolongada de pagar os compromissos financeiros assumidos pela ocorrência de um acidente de vida (desemprego, divórcio, doença ou acidente) ou à má gestão do orçamento familiar (excesso de dívidas)», explica.

## “Situações familiares dramáticas”

Não há dados exactos de quantas famílias atingem em Portugal o sobreendividamento. Sabe-se, porém, que são normalmente pessoas casadas ou a viver em união de facto, com idades entre os 30 e 40 anos, têm um ou dois filhos e possuem rendimentos mensais no conjunto do agregado familiar até mil euros. Mas, mesmo que «estatisticamente o número das famílias sobreendividadas não seja muito significativo, quando comparado com o total de crédito concedido», são sempre «situações individuais e familiares muito dramáticas, pois originam não apenas dificuldades monetárias, mas também sociais e psicológicas. Os sobreendividados são pessoas que se tendem

Multiendividamento é uma realidade

## Há famílias em Coimbra com 12 créditos

Em 57 famílias de Coimbra, 93 por cento tem pelo menos um crédito e apenas 10,5 por cento não está multiendividada, revela um estudo realizado pela Deco de Coimbra entre Janeiro de 2005 e meados deste ano. Embora não seja uma percentagem muito significativa - mas não menos preocupante -, 8,8 por cento dos entrevistados têm acumuladas entre nove e 12 situações de crédito, sendo que o que é mais frequente é ter quatro créditos.

A Deco constatou que o recurso ao crédito à habitação assume um papel de relevo nesta amostra, verificando-se ainda um recurso elevado ao crédito automóvel e o uso frequente do cartão de crédito. Aliás, 36,8% dos inquiridos possuem um cartão de crédito, 14% utilizam dois cartões

e 10,5% admite usufruir de três cartões de crédito.

Grande parte do sobreendividados recorreu ao crédito para pagar outras dívidas ou fazer face às dificuldades financeiras do momento. Dificuldades que acabaram por se avolumar - é o chamado efeito bola de neve - não só pela dificuldade em pagar os créditos acumulados, mas também por situações inesperadas como o desemprego, deterioração das condições laborais e doença/acidente de um elemento do agregado familiar. Na maioria dos casos, a principal causa é, no entanto, uma gestão deficiente do orçamento familiar.

Para fazer face às dívidas que se vêem incapacitados de pagar, estes sobreendividados contam, na maioria, com o apoio dos pais, outros familiares e amigos. Embora em bai-

xa percentagem, há ainda a ajuda de patrões, vizinhos, segurança social e instituições de solidariedade social.

O estudo da Deco avaliou ainda a percepção do risco de crédito e confirmou que face às actuais dificuldades financeiras vividas pelos agregados familiares, a maioria tem hoje uma percepção negativa do crédito e se fosse hoje não teriam contraído as dívidas.

Segundo esta pesquisa, o perfil do endividado de Coimbra encaixa num indivíduo com idade compreendida entre os 40 e os 49 anos, pertence a um agregado familiar composto maioritariamente por três pessoas, tem até três filhos a cargo, a grande parte tem no máximo o ensino secundário e no momento em que foram inquiridos tinham rendimentos superiores a 375 euros. **DS**

“Muitos dos sobreendividados acabam por ganhar aversão ao crédito”, diz Catarina Frade



# em crescimento acelerado

a isolar, a esconder as suas dificuldades e isso afecta as relações familiares, a saúde, o equilíbrio emocional e o desempenho profissional», salienta Catarina Frade.

Na vida futura, a situação de sobreendividamento poderá conduzir a um comportamento de «aversão ao crédito». Poderá levar os consumidores a reflectirem mais aprofundadamente sobre as suas escolhas de consumo (redefinição de prioridades), hábitos de poupança (reforço, investimento) e opções de financiamento (selecção mais criteriosa dos produtos financeiros, procura de aconselhamento antes de contraírem crédito).

## «É urgente adoptar estratégias preventivas»

De acordo com a coordenadora executiva do Observatório do Endividamento, não existem grandes hipóteses à vista para melhorar a situação do sobreendividamento em Portugal. «Se as dificuldades laborais se mantiverem é provável que a situação financeira das famílias se agrave, sobretudo se a isto juntarmos o aumento das taxas de juro, como sucede desde o início deste ano», constata.

É por isso que, mais do que nunca, esta especialista diz ser «urgente acompanhar a situação e adoptar estratégias preven-

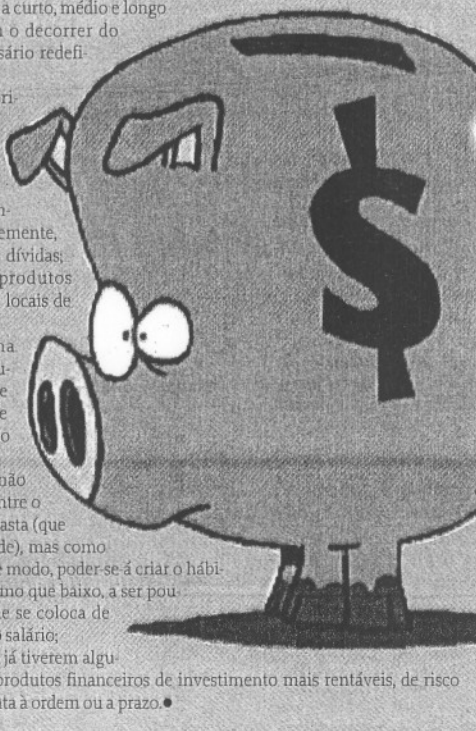
tivas que permitam atenuar o risco de sobreendividamento».

As medidas de prevenção possíveis, e que muitos países já estão a adoptar, repartem-se entre as de curto e médio/longo prazo, e entre individuais e colectivas. Do ponto de vista individual, Catarina Frade sugere várias estratégias, como a de os indivíduos registarem os rendimentos e as despesas mensais. «Deste modo podem calcular a sua taxa de esforço e avaliar simultaneamente a sua sustentabilidade financeira e a sua capacidade de contraírem novos créditos. Devem pedir aconselhamento especializado sobre vários produtos financeiros e ofertas de crédito. Devem também dimensionar os bens adquiridos às reais condições financeiras, mantendo sempre uma margem de segurança que permita cobrir as subidas das prestações ou alguma perda de rendimento e devem ainda manter ou adquirir o hábito de fazer uma poupança regular».

Do ponto de vista colectivo, há que fiscalizar a «publicidade ao crédito e criar serviços especializados no aconselhamento financeiro das famílias». Finalmente, Catarina Frade defende uma aposta «na educação financeira dos consumidores, começando pelas crianças e jovens e apostando numa formação continuada a longo da vida».

## Como poupar

- ❑ Organizar as finanças, através do preenchimento mensal de orçamentos familiares, lista de compras ou planificações diárias;
- ❑ Estabelecer objectivos a curto, médio e longo prazo. No entanto, com o decorrer do tempo, poderá ser necessário redefinir prioridades;
- ❑ Tentar não sobrevalorizar os rendimentos futuros. Acontecimentos imprevistos podem comprometer as expectativas favoráveis dos consumidores e, conseqüentemente, o pagamento regular das dívidas;
- ❑ Procurar comparar produtos semelhantes em diversos locais de compra;
- ❑ Não se precipitar na aquisição de bens sobretudo dos de valor elevado e não decidir na hora sobre uma proposta de crédito que é feita;
- ❑ Encarar a poupança não tanto como a diferença entre o que se recebe e o que se gasta (que é isso que ela é na verdade), mas como um novo consumo. Deste modo, poder-se-á criar o hábito de fixar um valor, mesmo que baixo, a ser poupado mensalmente e que se coloca de parte logo que se recebe o salário;
- ❑ Quando as poupanças já tiverem alguma dimensão, procurar produtos financeiros de investimento mais rentáveis, de risco reduzido, do que uma conta à ordem ou a prazo.●



## Endividados concentram-se no Litoral

A maior percentagem de endividados reside na faixa litoral. Do volume do endividamento, 76 por cento concentra-se em 23 municípios do Litoral, onde as pessoas mais recorrem ao crédito. E não será muito difícil perceber porquê. «Uma pessoa que vive em Trás-os-Montes não terá a mesma oportunidade de comprar do que aquela que vive em locais com uma maior acessibilidade aos bens», refere Catarina Frade, adiantando ainda como principais causas «os apelos ao consumo, a disponibilidade dos bens, a diversidade da oferta e os ritmos de vida que favorecem o consumo».

Depois, há ainda que ter em conta que os «meios urbanos têm padrões de consumo muito intensos», com «necessidades complexas». D.S.

Associação aconselha fundos de poupança

## DECO alerta que no depósito a prazo se perde dinheiro

A DECO aconselha os aforradores a optarem pelos fundos de poupança, sempre que não necessitem do dinheiro num futuro próximo, em detrimento dos depósitos a prazo onde, adverte, perdem dinheiro em termos reais.

A associação de defesa do consumidor (DECO) faz estas observações a propósito do Dia

da Poupança, que se comemora hoje, e lembrando «a dificuldade que muitos portugueses enfrentam para conseguir alcançar algum dinheiro», comprovado na diminuição, nos últimos anos, da taxa de poupança.

A taxa de poupança desceu de quase 11 por cento em 2001 para 8,0 por cento este ano, de

acordo com os dados divulgados pela associação.

Aos que conseguirem poupar, a DECO lembra que é uma má opção para depósitos a prazo, já que, apesar de continuarem a ser o veículo de difundido para aplicação das poupanças, a taxa líquida média é de 1,7 por cento, ou seja mais baixa do que a inflação e, por isso, o aforrador

está, na realidade, a perder dinheiro.

«Para um depósito de cinco mil euros a 12 meses, actualmente a taxa líquida varia entre 0,3 e 3,2 por cento e, em média, é de apenas 1,7 por cento, ou seja, há muitos depósitos aquém da taxa de inflação prevista para este ano», de 2,3 por cento, explica a DECO em comunicado.

Além de remunerarem mal a poupança, os depósitos são ainda mal comunicados aos consumidores pelas instituições financeiras, acusa a associação.

As campanhas de promoção destes produtores pretendem, muitas vezes, apenas «seduzir os consumidores», considera a DECO, sendo pouco claras sobre o rendimento que, por

vezes, «refere-se a um período promocional, que é pouco relevante para o total da aplicação».

Os aforradores devem, preferencialmente, canalizar montantes que prevêem não necessitar num futuro próximo para investimentos a longo prazo, com opção pelos fundos que «permitem diversificar», aconselha a DECO.●

**GE Money**  
Linha de informações  
**707 200 524**

**Crédito Consolidado\***  
Junte os seus créditos num só  
e pague até 60% menos por mês.

- ✓ Tem Crédito Habitação ou casa própria ?
- ✓ Tem um Crédito Automóvel, Crédito Pessoal, Cartões de Crédito ou qualquer outro tipo Crédito ?

\* Aplicável a casos com incidentes bancários

Av. Fernão Magalhães, nº 584, 4º C, 3000-174 Coimbra | GE Consumer Finance, I.F.I.C. - Instituição Financeira de Crédito, S.A.

